



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU
Belém, PA

1^o Simpósio do Trópico Úmido

1st Symposium
on the Humid Tropics

1er Simpósio
del Trópico Húmedo

ANAIS PROCEEDINGS ANALES

Volume II

Flora e Floresta

Flora and Foresty

Flora y Floresta

Departamento de Difusão de Tecnologia
Brasília, DF
1986



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU
Belém, PA

1º Simpósio do Trópico Úmido

**1st Symposium
on the Humid Tropics**

**1er Simpósio
del Trópico Húmedo**

ANAIS PROCEEDINGS ANALES

Belém, PA, 12 a 17 de novembro de 1984

Volume II

Flora e Floresta

Flora and Foresty

Flora y Floresta

Departamento de Difusão de Tecnologia
Brasília, DF
1986

Copyright © EMBRAPA - 1986



EMBRAPA-CPATU. Documentos, 36

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à

EMBRAPA-CPATU

Trav. Dr. Inéas Pinheiro s/n

Telefone: 226-6622

Telex (091) 1210

Caixa Postal 48

66000 Belém, PA - Brasil

Tiragem: 1.500 exemplares

1º Simpósio
do Trópico Úmido

Observação

Os trabalhos publicados nestes anais não foram revisados pelo Comitê de Publicações do CPATU, como normalmente se procede para as publicações regulares. Assim sendo, todos os conceitos e opiniões emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

Simpósio do Trópico Úmido, 1., Belém, 1984.
Anais. Belém, EMBRAPA-CPATU, 1986.
6v. (EMBRAPA-CPATU. Documentos, 36)

1. Agricultura - Congresso - Trópico. I. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, Belém, PA. II. Título. III. Série.

CDD 630.601

REDUÇÃO DA DENSIDADE DE UMA FLORESTA TROPICAL ÚMIDA DENSE DEVIDO À EXPLORAÇÃO MECANIZADA

João Olegário Pereira de Carvalho¹, José Natalino Macedo Silva, José do Carmo Alves Lopes², Vitor Manuel Jimenez Valcarcel³ e Nicolaüs Reitz de Graaf⁴

RESUMO: Analisam-se a redução da densidade e a taxa de mortalidade uma floresta tropical úmida após execução de exploração florestal mecanizada. Verificou-se 25,36% de redução da densidade, onde foram exploradas árvores a partir de 45cm de DAP, e 19,68% onde a exploração concentrou-se em árvores de DAP superior a 55cm. As classes diamétricas mais baixas sofreram pouca redução de densidade e o estoque remanescente é suficiente para a formação de novos povoamentos para futuros cortes. A taxa de mortalidade de todas as espécies foi praticamente igual nas duas intensidades de exploração, porém considerando-se apenas as espécies comerciais, essa taxa foi mais elevada nas áreas onde a exploração foi feita a partir de 45cm de DAP.

Termos para indexação: Floresta tropical úmida, exploração florestal mecanizada, densidade, mortalidade.

DENSITY REDUCTION OF DENSE TROPICAL RAIN FOREST THROUGH EXPLOITATION

ABSTRACT: A study on reduction of the density and mortality of a tropical rain forest after logging is reported. Where forest exploitation was done of trees with 45 cm DBH and above, the reduction of density was about 25.36 per cent, and 19.68 per cent when trees were 55 cm BDH and above. The smallest diameter classes had a small reduction of density and the remaining trees are enough to form new stocks for future loggings. The mortality was similar for both logging intensities when all species were considered. Where logging was done when trees had 45 cm DBH and above, the marketable species presented a higher mortality.

Index terms: Tropical rain forest, logging, density, mortality.

INTRODUÇÃO

As diretrizes para a utilização racional dos recursos florestais da Amazônia devem ser definidas com base nos resultados das pesquisas que estão sendo desenvolvidas na região. No entanto, os dados disponíveis são insuficientes para a elaboração de planos de manejo sustentado para as florestas do trópico úmido brasileiro.

Na Floresta Nacional do Tapajós estão

sendo executadas pesquisas de manejo de matas naturais. Destacam-se estudos que visam determinar o nível de redução da densidade dos povoamentos, por ocasião do corte, com a finalidade de subsidiar planos de manejo policíclico para as florestas densas.

Este trabalho apresenta resultados de uma análise preliminar dos dados da primeira fase dos referidos estudos. São apresentadas as reduções de área basal verificadas com a execução da exploração florestal e a mortalidade das árvores devido a essa atividade.

¹ Eng. Ftal. M.Sc. EMBRAPA-CPATU. Caixa Postal 48. CEP 66.000. Belém, PA.
² Eng. Ftal. EMBRAPA-CPATU.
³ Eng. Ftal. IICA — Trópicos. Caixa Postal 2044. CEP 66.000. Belém, PA.
⁴ Eng. Ftal. Agricultural University Wageningen. P.O. Box. 342.6700. AH. Wageningen, The Netherlands.

MATERIAL E METODOS

Características da área

O trabalho foi realizado na Floresta Nacional do Tapajós, em uma área de 144 ha, localizada a altura do km 114 da BR-163, rodovia Santarém-Cuiabá.

A vegetação é do tipo mata alta, sem baçaú (Dubois 1976). Apresenta grande variedade de espécies comerciáveis, em diversos estádios de desenvolvimento. A mata já sofreu intervenções silviculturais, como sejam, corte total de cipós e exploração comercial mecanizada.

Pela classificação de Köppen, o clima é Ami. A precipitação média anual é de 2.100 mm, a temperatura média anual é de 25°C e a altitude é de 175 m, segundo dados da Estação Meteorológica de Belterra, que dista cerca de 80 km da área experimental.

O relevo da área é plano e o solo é do tipo Latossolo Amarelo distrófico, textura muito argilosa (Brasil 1976).

Amostragem e obtenção de dados

O levantamento de dados foi feito na área do experimento "Determinação do nível ideal de redução da área basal para fins de manejo policíclico". São 144 ha divididos em quatro blocos retangulares de 36 ha (conjunto de repetições), por sua vez divididos em quatro quadrados de 9 ha (repetição de cada tratamento), e estes em quadrados menores, de 1 ha. Em cada quadrado de 9 ha foram sorteados três menores, de 1 ha cada um, e no centro destes foram locadas parcelas permanentes de 50m x 50m, totalizando 48 parcelas, para inventário florestal contínuo.

No experimento mencionado, o delineamento é em blocos ao acaso com quatro repetições, e são testados quatro tratamentos. Um deles consiste em explorar tradicionalmente a floresta, retirando árvores comerciais com DAP (diâmetro a 1,30m do solo) mínimo de 45 cm; nos demais são derrubadas árvores a partir de 55 cm de IAP e são aplicados tratamentos silviculturais para redução de área basal, com diferentes intensidade para cada tratamento.

Os dados analisados neste trabalho foram obtidos em duas medições realizadas nas parcelas permanentes. A primeira em

1981, antes da exploração florestal, e a segunda em 1983, dez meses após a exploração. Mediram-se todas as árvores de DAP igual ou superior a 5 cm. Nas áreas onde o diâmetro mínimo de abate foi de 45 cm, as medições foram feitas em doze parcelas, totalizando 3 ha de área medida, e onde esse diâmetro foi de 55 cm, foram medidas 36 parcelas, perfazendo 9 ha de área medida.

Cálculos

A análise dos dados foi feita, separadamente, para as doze parcelas onde o diâmetro mínimo de abate foi de 45 cm, e para as 36 onde esse diâmetro foi, de 55 cm.

Os dados possibilitaram obter tanto a redução da densidade do povoamento, como a percentagem de mortalidade das árvores. Considerou-se o conjunto de todas as espécies e, separadamente, um grupo de árvores de boa qualidade, das espécies comerciais.

Para determinar a redução da densidade do povoamento, calculou-se a área basal inicial, com dados coletados antes da exploração, e a área basal após a exploração, em cada classe de diamétrica. A redução foi encontrada subtraindo-se da área basal inicial, a área basal da segunda medição.

A mortalidade foi calculada subtraindo-se, do número inicial de árvores, o número registrado no segundo levantamento excluindo-se também as árvores, o número registrado no segundo levantamento excluindo-se também as árvores que ingressaram, ou seja, aquelas que na primeira medição apresentaram um DAP inferior a 5cm e na segunda superaram esse limite. Considerou-se mortalidade o total de árvores mortas naturalmente somado às árvores que morreram em consequência da exploração florestal e às árvores comerciais retiradas pela exploração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As espécies estudadas estão relacionadas, em ordem alfabética, pelo nome vulgar, no Anexo 1. São apresentados também os nomes científicos e as respectivas famílias botânicas.

O número de árvores por hectare e a área basal, tanto para as árvores de boa qualidade das espécies comerciais, como para o

conjunto de árvores de todas as espécies, são mostrados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4. Nas Tabelas 1 e 2 são apresentados os resultados da primeira e da segunda medição, respectivamente, para as áreas onde a exploração foi feita a partir de 45 cm de DAP. Os resultados para as áreas de DAP mínimo de abate igual a 55 cm estão nas Tabelas 3 e 4.

Nas Fig. 1 e 2 são apresentadas, de forma ilustrativa, as distribuições da área basal nas classes diamétricas, antes de após a exploração, considerando todas as árvores e, separadamente, somente aquelas de boa qualidade de espécies comerciais. A Fig. 1 se refere às áreas onde o DAP mínimo de abate foi de 45 cm e a Fig. 2 onde esse diâmetro foi de 55 cm.

Nas áreas exploradas a partir de 45 cm de DAP, a área basal de todas as árvores, antes da exploração, era de 34,15 m²/ha (Tabela 1), e após a exploração foi reduzida para 25,49 m²/ha (Tabela 2). Portanto, a redução foi de 8,66 m², correspondendo a 25,36% da área basal inicial.

A redução da densidade foi verificada em todas as classes diamétricas, ainda que níveis diferentes. Nas classes cinco, nove, dez e onze foram retiradas todas as árvores comerciais de boa qualidade, reduzindo a área basal a zero. Nas classes inferiores, no entanto, as reduções foram baixas (Tabelas 1 e 2, Fig. 1).

A classe dez mostra uma situação singular, onde todas as árvores comerciais de boa qualidade foram eliminadas pela exploração, portanto reduzindo a área basal a zero. Porém, quando se considera o conjunto de todas as árvores, a área basal da segunda medição é igual a inicial, não havendo redução. Este fato se explica pela passagem de árvores não comerciais da classe 9 para a classe 10, no intervalo de tempo entre as duas medições (Tabelas 1 e 2, Fig. 1).

Nas áreas de DAP mínimo de abate igual a 55 cm, a área basal inicial do total de árvores era de 32,32 m²/ha (Tabela 3) e após a exploração passou a ser 25,96 m²/ha (Tabela 4), sofrendo, portanto, uma redução de 6,36 m², que corresponde a 19,68% da área basal inicial.

Neste caso, como no anterior, a redução da densidade se verificou em todas as classes diamétricas. As árvores comerciais de boa qualidade tiveram a área basal reduzida a ze-

ro nas classes sete, oito, dez e onze. As classes seis e nove apresentam 0,06 m²/ha e 0,07 m²/ha, respectivamente. No entanto, as classes inferiores, árvores com DAP menor que 55 cm, sofrerem pouca redução na área basal, permanecendo no local um estoque suficiente para o desenvolvimento de novos povoamentos para futuros cortes (Tabelas 3 e 4, Fig. 2).

Os resultados desta análise preliminar permitem determinar a área basal a ser retirada, através de intervenções silviculturais para atingir a percentagem de redução desejada em cada tratamento. Possibilitam, ainda, definir o número de árvores a ser eliminado e o diâmetro mínimo dessas árvores, em cada tratamento.

Nas áreas onde o diâmetro mínimo de abate foi de 55 cm, a redução de área basal foi de 19,68%. Um tratamento do experimento consiste em reduzir 30% da área basal inicial. Portanto, para atingir este objeto será necessário retirar mais 10,32%, através de intervenções silviculturais. Isto significa, neste caso, oito árvores por hectare.

Além das informações sobre a redução da densidade, esta análise mostrou resultados a respeito da mortalidade de árvores, que atingiu a taxa de 20%, no período em estudo. Considerando que na exploração foram retiradas doze árvores por hectare (Carvalho 1983), equivalente a 1% do povoamento, e que a mortalidade por causas naturais é de 1-2% ao ano (Graaf 1982), portanto 2-4% no período, o número de árvores mortas em conseqüências da exploração mecanizada foi equivalente a 15-17% do povoamento.

A Tabela 5 apresenta as percentagens de mortalidade verificadas nos tratamentos, nos quais a exploração foi feita considerando o DAP mínimo de 45 cm. Na primeira classe diamétrica (5 cm - 14,9 cm), as espécies comerciais apresentaram percentagem ligeiramente inferior às espécies não comerciais. No entanto, na segunda classe (15 cm - 54,9 cm) o valor percentual é bem maior para as espécies comerciais, em virtude da exploração ter sido feita a partir desta classe. Por este motivo, também, na terceira classe (DAP ≥ 55 cm) a percentagem de mortalidade é ainda mais elevada para as espécies comerciais.

A Tabela 6 apresenta as percentagens de mortalidade para os tratamentos onde a ex-

TABELA 1. Número de árvores por hectare e área basal por hectare do povoamento onde a exploração foi feita a partir de 45 cm de DAP – Dados da primeira medição – 1981.

Discriminação	Classe de diâmetro (cm)											TOTAL
	1 (5-14,9)	2 (15-24,9)	3 (25-34,9)	4 (35-44,9)	5 (45-54,9)	6 (55-64,9)	7 (65-74,9)	8 (75-84,9)	9 (85-94,9)	10 (95-104,9)	11 (≥105)	
Árvores de boa qualidade das espécies comerciais												
Números de árvores	15,00	5,08	3,00	3,65	6,00	2,35	1,35	1,33	0,68	0,33	0,65	39,42
Área Basal (m ²)	0,12	0,16	0,21	0,46	1,18	0,66	0,51	0,67	0,42	0,26	0,63	5,28
Todas as espécies												
Número de árvores	804,65	144,10	64,35	22,98	19,67	10,38	6,63	4,28	3,00	0,65	1,95	1082,64
Área basal (m ²)	6,32	4,52	4,55	2,88	3,86	2,92	2,56	2,17	1,90	0,52	1,95	34,15

TABELA 2. Número de árvores por hectare e área basal por hectare do povoamento onde a exploração foi feita a partir de 45 cm de DAP – Dados da segunda medição – 1983.

Discriminação	Classe de diâmetro (cm)											TOTAL
	1 (5-14,9)	2 (15-24,9)	3 (25-34,9)	4 (35-44,9)	5 (45-54,9)	6 (55-64,9)	7 (65-74,9)	8 (75-84,9)	9 (85-94,9)	10 (95-104,9)	11 (≥105)	
Árvores de boa qualidade das espécies comerciais												
Números de árvores	10,68	3,00	3,32	3,00	0,00	0,33	0,33	0,33	0,00	0,00	0,00	20,99
Área Basal (m ²)	0,08	0,09	0,23	0,38	0,00	0,09	0,13	0,17	0,00	0,00	0,00	1,17
Todas as espécies												
Número de árvores	678,65	124,00	55,98	20,00	11,65	7,98	3,63	2,65	1,35	0,65	1,30	907,84
Área basal (m ²)	5,33	3,89	3,96	2,51	2,29	2,26	1,41	1,34	0,85	0,52	1,13	25,49

TABELA 3. Número de árvore por hectare e área basal por hectare do povoamento onde a exploração foi feita a partir de 55 cm de DAP – Dados da primeira medição – 1981.

Discriminação	Classe de diâmetro (cm)											TOTAL
	1 (5-14,9)	2 (15-24,9)	3 (25-34,9)	4 (35-44,9)	5 (45-54,9)	6 (55-64,9)	7 (65-74,9)	8 (75-84,9)	9 (85-94,9)	10 (95-104,9)	11 (≥ 105)	
Árvores de boa qualidade das espécies comerciais												
Números de árvores	22,45	7,57	3,11	2,67	3,33	2,34	1,78	0,77	1,21	0,44	0,44	46,11
Área Basal (m ²)	0,18	0,24	0,22	0,33	0,65	0,66	0,68	0,39	0,78	0,35	0,41	4,89
Todas as espécies												
Número de árvores	809,34	170,67	58,55	27,20	16,31	9,43	5,98	3,41	2,52	0,98	0,78	1105,17
Área basal (m ²)	6,36	5,36	4,14	3,24	3,12	2,67	2,31	1,73	1,62	0,78	0,81	32,32

TABELA 4. Número de árvores por hectare e área basal por hectare do povoamento onde a exploração foi feita a partir de 55 cm de DAP – Dados da segunda medição – 1983.

Discriminação	Classe de diâmetro (cm)											TOTAL
	1 (5-14,9)	2 (15-24,9)	3 (25-34,9)	4 (35-44,9)	5 (45-54,9)	6 (55-64,9)	7 (65-74,9)	8 (75-84,9)	9 (85-94,9)	10 (95-104,9)	11 (≥ 105)	
Árvores de boa qualidade das espécies comerciais												
Números de árvores	18,78	5,68	3,10	1,43	2,33	0,11	0,00	0,00	0,11	0,00	0,00	31,54
Área Basal (m ²)	0,15	0,18	0,22	0,18	0,46	0,06	0,00	0,00	0,07	0,00	0,00	1,32
Todas as espécies												
Número de árvores	710,76	155,92	54,55	23,32	15,57	6,04	4,11	1,32	1,76	0,22	0,43	974,00
Área basal (m ²)	5,58	4,90	3,86	2,93	3,05	1,73	1,58	0,67	1,12	0,17	0,37	25,96

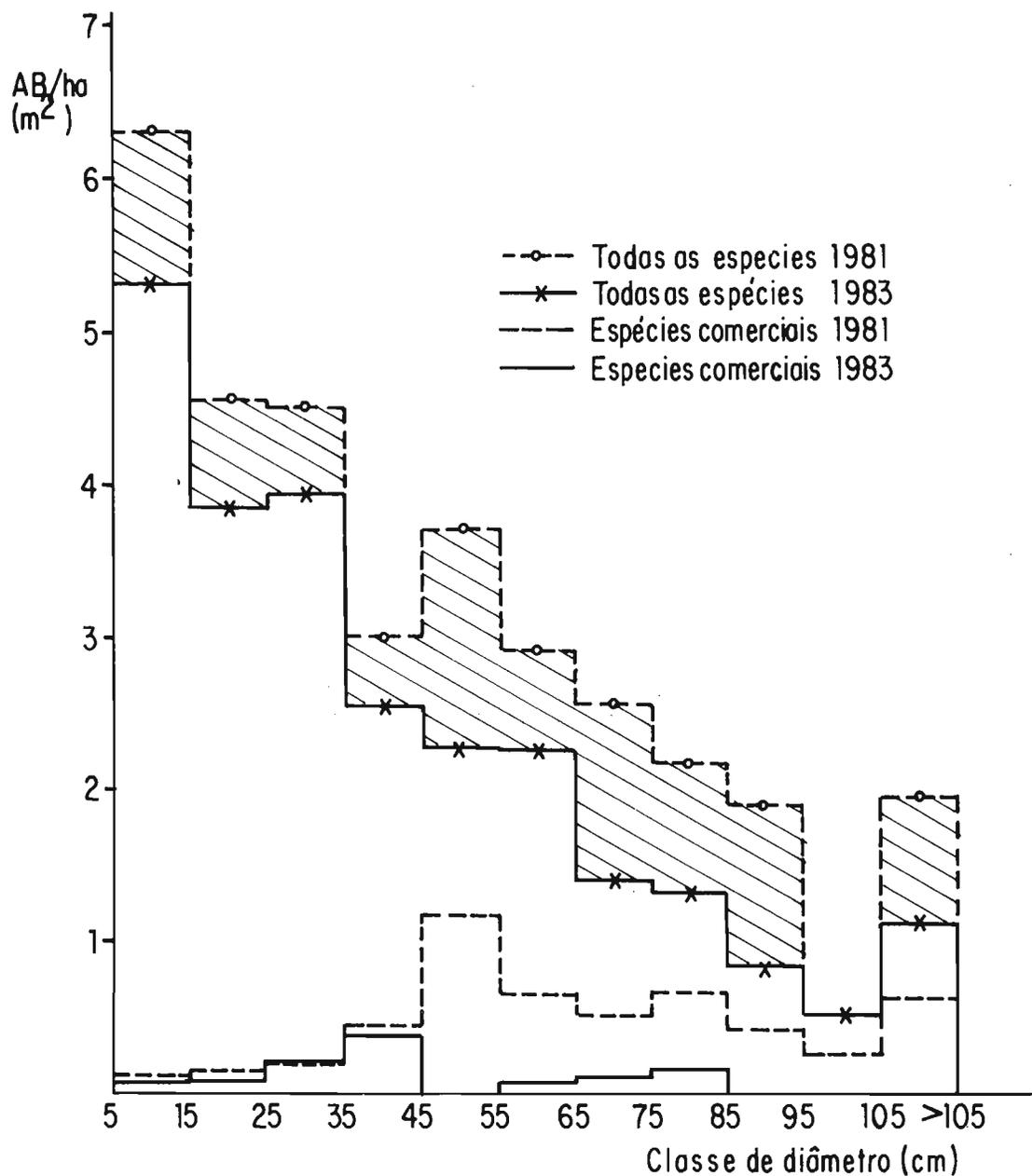


FIG. 1 — Distribuição da área basal (AB) em classes diamétrica antes e após a realização de uma exploração mecanizada, considerando 45 cm como diâmetro mínimo de abate (DMA).

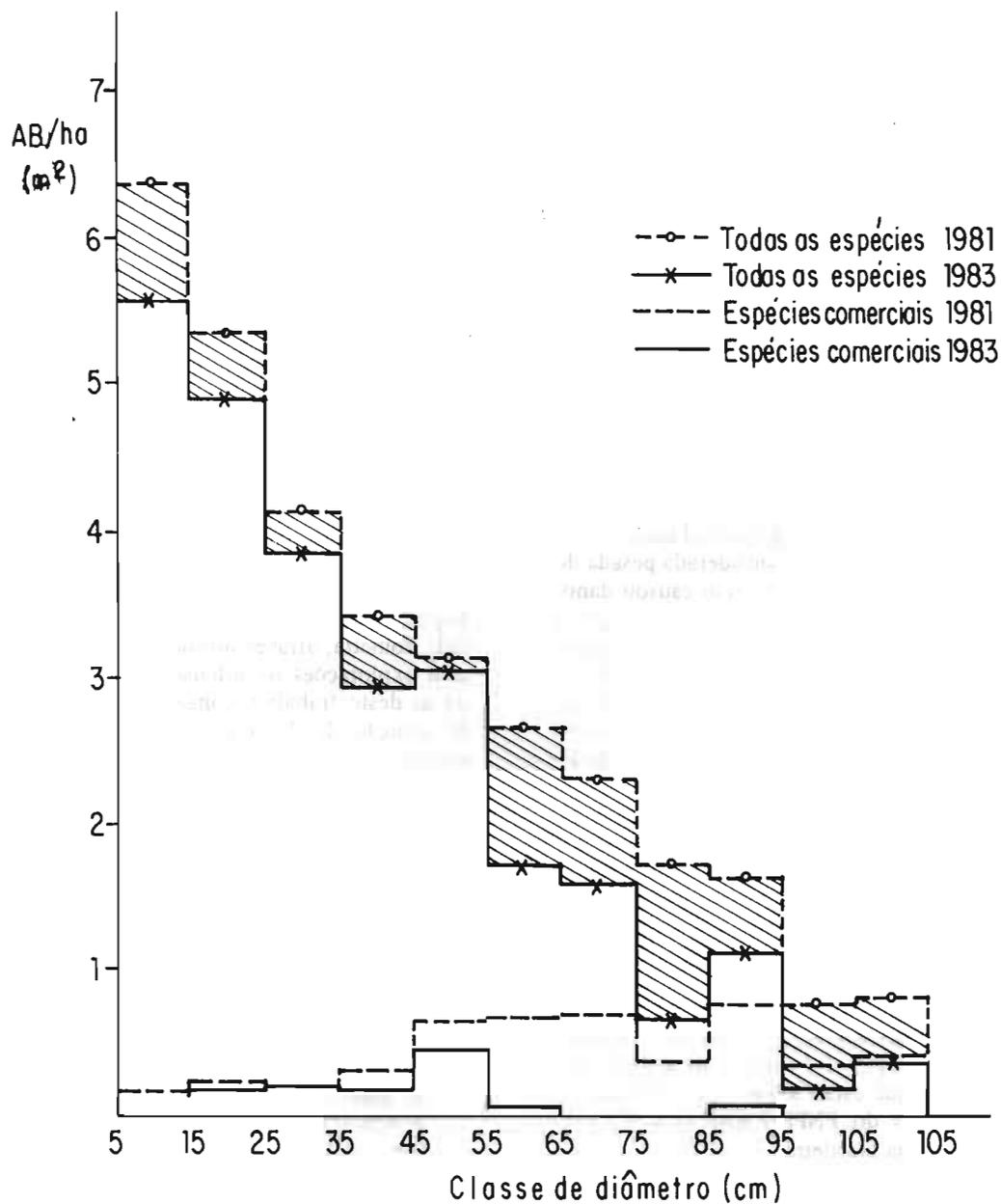


FIG. 2 — Distribuição da área basal (AB) em classes diamétricas antes e após a realização de uma exploração mecanizada, considerando 55 cm como diâmetro mínimo de abate.

ploração foi realizada considerando o DAP mínimo de 55 cm. Na primeira classe diamétrica, a percentagem das espécies não comerciais é superior às das comerciais. Na segunda classe a percentagem é igual. Porém, na terceira se verifica uma mortalidade extremamente acentuada das árvores comerciais, devido à exploração ter sido executada somente nesta classe diamétrica.

Comparando as duas tabelas, pode-se notar que, de uma maneira geral, as taxas de mortalidade foram maiores na floresta explorada, a partir de 45 cm de DAP, quando se considera apenas as espécies comerciais. No entanto, considerando o total de espécies, as percentagens médias são aproximadas, apesar de nas duas primeiras classes diamétricas a mortalidade ter sido mais elevada, nas áreas de exploração a partir de 45 cm de DAP.

Na floresta estudada, onde o volume comercial era de 220,449 m³/ha (Carvalho 1983), a retirada de aproximadamente 40% desse volume, embora considerada pesada do ponto de vista ecológico, não causou danos de grandes proporções, considerando que a redução média da densidade do povoamento devido à exploração florestal foi de 23%, e que a mortalidade natural acrescida do número de árvores derrubadas e de árvores mortas em consequência da derruba e do araste foi de 20%.

Em explorações mecanizadas similares, onde a redução da densidade da floresta e a mortalidade são consideradas relativamente baixas e o estoque de árvores jovens a serem aproveitadas nas próximas colheitas é bastante significativo, haverá a possibilidade de, no futuro, se obterem ciclos de corte curtos, aumento de produção e melhor qualidade de produtos, utilizando as técnicas de manejo sustentado, que serão definidas a partir das pesquisas, que estão sendo desenvolvidas pelos técnicos do PNP/EMBRAPA-CPATU na Amazônia brasileira.

CONCLUSÃO

A redução da densidade do povoamento foi maior nos tratamentos onde a exploração florestal foi feita a partir de 45 cm de DAP (25,36% de redução) do que na área onde a

exploração foi feita a partir de 55 cm de DAP (19,68% de redução);

Houve redução da densidade, como consequência das operações de derrubada e araste, em todas as classes diamétricas, ainda que em níveis diferentes, mesmo naquelas em que não foram derrubadas árvores pela exploração florestal;

As classes diamétricas mais baixas sofreram pouca redução de área basal e o estoque remanescente de espécies comerciais é suficiente para a formação de novos povoamentos para futuros cortes;

Esta análise forneceu as informações necessárias para definir o número de árvores a serem eliminadas, através dos tratamentos silviculturais, em cada tratamento do experimento, e o diâmetro mínimo dessas árvores; e

A mortalidade foi, praticamente igual nas duas intensidades de exploração, para o conjunto de todas as espécies. Considerando-se apenas as espécies comerciais, a taxa de mortalidade foi mais elevada nas áreas onde a exploração foi a partir de 45 cm de DAP.

Haverá possibilidade de aumentar a produção e melhorar a qualidade do produto, a cada colheita, através do manejo sustentado com explorações de intensidades semelhantes as deste trabalho, considerando as taxas de redução da densidade e de mortalidade verificadas no povoamento estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SA-21-Santarém, geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1976. 522p. (Brasil. MME. DNPM. Levantamento de recursos naturais, 10).
- CARVALHO, J.O.P. de; LOPES, J. do C.A.; SILVA, J.N.M. & COSTA, H.B. da. *Determinação da intensidade ideal de exploração para fins de manejo policíclico de floresta úmida densa*. Belém, EMBRAPA-CPATU, 1983. 3p. (EMBRAPA-CPATU. Pesquisa em Andamento, 107).
- DUBOIS, J.L.C. Preliminary forest management guidelines for the National Forest of the Tapajós. Belém, PRODEPEF, 1976. 42p.
- GRAAF, N.R. de. Sustained timber production in the tropical rainforest of Suriname. San José, IICA, 1982. p.175-89. Separata de Joint Workshop on Management of Low Fertility Acid Soils of the American Humid Tropics. Paramaribo, Suriname, 1981. *Proceedings*.

TABELA 6. Mortalidade de árvores em uma área explorada a partir de 55 cm de DAP na Floresta Nacional do Tapajós.

Discriminação	Classe diamétrica											
	5 cm ≤ DAP < 14,9 cm				15 cm ≤ DAP < 54,9 cm				DAP ≥ 55 cm			
	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)
Espécies comerciais	268	229	39	15	225	191	34	15	82	2	80	98
Espécies não comerciais	7016	5591	1425	20	2229	1901	328	15	126	113	13	10
Todas as espécies	7284	5820	1464	20	2454	2092	362	15	208	115	93	45

TABELA 5. Mortalidade de árvores em uma área explorada a partir de 45 cm de DAP na Floresta Nacional do Tapajós.

Discriminação	Classe diamétrica											
	5 cm ≤ DAP < 14,9 cm				15 cm ≤ DAP < 54,9 cm				DAP ≥ 55 cm			
	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)	Nº arv. (1981)	Nº arv. (1983)	Nº arv. mortas	mor- tal. (%)
Espécies comerciais	54	46	11	20	70	43	27	39	24	3	21	88
Espécies não comerciais	2360	1785	575	24	687	559	128	19	57	48	9	16
Todas as espécies	2414	1828	586	24	757	602	155	20	81	51	30	37

ANEXO 1. Espécies ocorrentes na área de manejo experimental no km 114 da BR-163 – Rodovia Santarém-Cuiabá.

Nome vulgar	Nome científico	Família
Abiu	<i>Pouteria</i> sp	Sapotaceae
Abiu-casca-grossa	<i>Planchonella pachycarpa</i> Pers.	Sapotaceae
Abiu-cutite	<i>Neoxythece elegans</i> (A.DC.) Aubl.	Sapotaceae
Abiurana	<i>Pouteria</i> sp	Sapotaceae
Acariquara	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	Oleaceae
Acariquarana	<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	Violaceae
Açoita-cavalo	<i>Leuhea</i> sp.	Tiliaceae
Amapá-amargoso	<i>Brosimum guianensis</i> Aubl. Huber	Moraceae
Amapá-doce	<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke	Moraceae
Amapá	<i>Brosimum lactescens</i> (Moore) C.C. Berg.	Moraceae
Amaparana		Moraceae
Amarelão	<i>Apuleia molaris</i> Spruce et Benth.	Leguminosae
Anani	<i>Symphonia globulifera</i> L.F.	Guttiferae
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae
Andirobarana	<i>Trichilia lecointei</i> Ducke	Meliaceae
Angelim-da-mata	<i>Hymenolobium heterocarpum</i> Ducke	Leguminosae
Angelim-pedra	<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	Leguminosae
Angelim-rajado	<i>Hymenolobium excelsum</i> Ducke	Leguminosae
Aquiqui	<i>Phyllanthus robilis</i> (L.F.) Muell. Arg.	Euphorbiaceae
Araçá-da-mata	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae
Araracanga	<i>Aspidosperma</i> spp	Apocynaceae
Arataciu	<i>Sagotia racemosa</i> Baill.	Euphorbiaceae
Araticum	<i>Anona</i> Cf. montana	Anonaceae
Aroeira	<i>Astronium gracile</i> Engl.	Anacardiaceae
Axixá	<i>Sterculia pilosa</i> Ducke	Sterculiaceae
Axué	<i>Vantanea guianensis</i> Benth.	Humiriaceae
Bacuri		Guttiferae
Bacuri-da-mata	<i>Rheedia acuminata</i> (Ruiz et Pav.) Pl. et Tr.	Guttiferae
Bacuri-pari	<i>Rheedia macrophylla</i> Mart.	Guttiferae
Bacurirana	<i>Rheedia</i> sp.	Guttiferae
Barbatimão	<i>Maytenus pruinosa</i> Reis	Celastraceae
Breu	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Burseraceae
Breu-branco	<i>Protium sagotianum</i> March.	Burseraceae
Breu-manga	<i>Protium robustum</i> (Swar.) Porter.	Burseraceae
Breu-preto	<i>Protium opacum</i> Swartz.	Burseraceae
Breu-sucuruba	<i>Trattinickia rhoifolia</i> Will.	Burseraceae
Breu-vermelho	<i>Protium puncticulatum</i> (Macbr.)	Burseraceae
Bucheira	<i>Aspidosperma rigidum</i> Rusby.	Apocynaceae
Cacau-da-mata	<i>Theobroma speciosum</i> Spreng.	Sterculiaceae
Caferana	<i>Coussarea</i> sp.	Rubiaceae
Caju-açu	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock ex Engl.	Anacardiaceae
Canela		Lauraceae
Canela-de-jacamim	<i>Rinorea flavescens</i> Kuntz.	Violaceae
Canela-de-veado		Melastomataceae
Canela-de-velho		Melastomataceae
Caneleira	<i>Casearia javitensis</i> HBK	Flacourtiaceae
Capitiú	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monimiaceae
Caqui	<i>Diospyros tetrandra</i> Hier.	Ebenaceae
Caraipé	<i>Licania</i> spp	Chrysobalanaceae
Carapanaúba	<i>Aspidosperma oblongum</i> A. DC.	Apocynaceae
Castanha-de-arara	<i>Joannesia haveoides</i> Ducke.	Euphorbiaceae
Castanha-do-pará	<i>Bertholletia excelsa</i> Ducke	Lecythidaceae
Castanha-sapuraia	<i>Lecythis usitata</i> var. parænsis	Lecythidaceae

Nome vulgar	Nome científico	Família
Gaucho	<i>Persea mollis</i> (P.S.E.) Huber	Moraceae
Cedro-vermelho	<i>Cedrela huberi</i> Ducke	Meliaceae
Chichuá	<i>Conomorpha cf. multipunctata</i> Miq.	Myrsinaceae
Cocão	<i>Crudia glaberrima</i> (Stand.) Macbr.	Leguminosae
Copaíba	<i>Copaifera duckei</i> Dwyer.	Leguminosae
Coroa-de-espinho		
Culhão-de-bode	<i>Ambelania grandiflora</i> Huber.	Apocynaceae
Guiarana	<i>Terminalia dichotoma</i> G.F.W. Mey	Combretaceae
Cumarú	<i>Dipterix odorata</i> (Aubl.) Willd.	Leguminosae
Cumarúí	<i>Emmotum fagifolium</i> Desv.	Leguminosae
Cupiúba	<i>Goupia glabra</i> Aubl.	Celastraceae
Cupuí	<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	Sterculiaceae
Embaúba	<i>Cecropia</i> sp.	Moraceae
Embaúba-branca	<i>Cecropia ficifolia</i> Snethl.	Moraceae
Embaubarana	<i>Pourouma cecropiaefolia</i> Mart.	Moraceae
Envira	<i>Xylopia</i> spp.	Anonaceae
Envira-amarela	<i>Xylopia polyantha</i> R.E.Fr.	Anonaceae
Envira-branca	<i>Gutteria amazonica</i> Fries.	Anonaceae
Envira-cana	<i>Xylopia nitida</i> Dun.	Anonaceae
Envira-preta	<i>Gutteria crysopetala</i> (Stend.) Miq.	Anonaceae
Envira-surucucu	<i>Duguetia cadaverica</i> Hub.	Anonaceae
Envira-surucucu-branca	<i>Duguetia echinophora</i> R.E. Fries	Anonaceae
Envira-taia	<i>Anona ambotay</i> Aubl.	Anonaceae
Escorrega-macaco	<i>Capirona surinamensis</i> Brem.	Rubiaceae
Fava-amargosa	<i>Vatairea speciosa</i> Ducke	Leguminosae
Fava-arara-tucupi	<i>Parkia</i> sp.	Leguminosae
Fava-barbatimão	<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Wils.) Hoon	Leguminosae
Fava-barriguda		Leguminosae
Fava-bolacha		Leguminosae
Fava-bolacha-da-terra-firme		Leguminosae
Fava-bolota	<i>Parkia</i> sp.	Leguminosae
Fava-mapuchiqui	<i>Pithecelobium</i> sp.	Leguminosae
Fava-de-rosca	<i>Parkia pendula</i> Bth.	Leguminosae
Faveira-folha-fina	<i>Piptadenia suaveolens</i> Miq.	Leguminosae
Freijó-branco	<i>Cordia bicolor</i> A. DC.	Borraginaceae
Freijó-cinza	<i>Cordia goeldiana</i> Huber	Borraginaceae
Ginja	<i>Eugenia patrisii</i> Vohl.	Myrtaceae
Goiabinho	<i>Eugenia prosoneura</i> Berg.	Myrtaceae
Gombeira	<i>Swartzia</i> sp.	Leguminosae
Guariúba	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	Moraceae
Inajarana	<i>Guararibea guianensis</i> Aubl.	Lecythidaceae
Ingá	<i>Inga</i> sp.	Leguminosae
Ingá-branco	<i>Inga</i> sp.	Leguminosae
Ingá-xixi	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke.	Leguminosae
Ingáí		Leguminosae
Itaúba-abacate	<i>Mezilaurus lindaviana</i> Selw et Mez.	Lauraceae
Itaúba-amarela	<i>Mezilaurus itauba</i> (Meiss) Mez.	Lauraceae
Itaubarana	<i>Casaria</i> sp.	Flacourtiaceae
Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Guttiferae
Janitá	<i>Clarisia ilicifolia</i> (Allen.) Lang.	Moraceae
Jarana	<i>Holopyxidium jarana</i> (Hub.) Ducke	Lecythidaceae
Jataúba	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Sapindaceae
Jatereu	<i>Eschweilera</i> sp.	Lecythidaceae
João-mole.	<i>Neea floribunda</i> P. & E.	Nyctaginaceae
Jutaí-açu	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leguminosae
Jutaí-mirim	<i>Hymenaea parviflora</i> Huber	Leguminosae
Jutairana	<i>Crudia</i> sp.	Leguminosae

Nome vulgar	Nome científico	Família
Lacre-branco	<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Bers.	Guttiferae
Lacre-da-mata	<i>Vismia</i> sp.	Guttiferae
Limorana	<i>Rondia armata</i> (SW) DC	Rubiaceae
Louro	<i>Ocotea</i> sp.	Lauraceae
Louro-amarelo	<i>Aniba</i> spp.	Lauraceae
Louro-pimenta	<i>Ocotea</i> spp.	Lauraceae
Louro-preto	<i>Ocotea baturitensis</i> Vattimo	Lauraceae
Macacaúba	<i>Platymiscium</i> sp.	Leguminosae
Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) Standl.	Sapotaceae
Macucu	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae
Mamorana	<i>Bombax paraensis</i> Ducke	Bombacaceae
Mandioqueira-arianã	<i>Qualea</i> sp.	Vochysiaceae
Maparajuba	<i>Manilkara</i> sp.	Sapotaceae
Marapuama	<i>Clavija lancifolia</i> Desf.	Theophrastaceae
Marfim-preto	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers.	Opiliaceae
Marupá	<i>Simaruba amara</i> Aubl.	Simarubaceae
Mata-calado	<i>Lacistema aggregatum</i> (Berg.) Rusby	Lacistemaceae
Matematá	<i>Eschweilers</i> spp.	Lecythidaceae
Matamatá-branco	<i>Eschweilera odora</i> (Poe PP) Miers	Lecythidaceae
Matamatá-preto	<i>Eschweilera blanchetiana</i> (Berg.) Miers.	Lecythidaceae
Matamatá-vermelho	<i>Eschweilera fracta</i> Knuth.	Lecythidaceae
Matamatá-ci	<i>Eschweilera amazonicum</i> Knuth.	Lecythidaceae
Melancieira	<i>Alexa grandiflora</i> Ducke	Leguminosae
Mirindiba-doce	<i>Glycidendron amazonicum</i> Ducke	Euphorbiaceae
Morototó	<i>Didymopanax morototoni</i> (Aubl.) Decne Planch.	Araliaceae
Muiracatiara	<i>Astronium</i> sp.	Anacardiaceae
Muirapiranga	<i>Stryphnodendron paniculatum</i> P. et. E.	Leguminosae
Muirapinima		
Muiratinga	<i>Maquira</i> sp.	Moraceae
Muiratinga-folha-lisa	<i>Perebea</i> sp.	Moraceae
Muiratinga-folha-miúda	<i>Maquira guianensis</i> Aubl.	Moraceae
Muiratinga-folha-peluda	<i>Helicostylis</i> sp.	Moraceae
Muiráuba	<i>Mouriri collocampa</i> Ducke	Melastomataceae
Munguba-da-mata	<i>Bombax</i> sp.	Bombacaceae
Munguba-da-terra-firme	<i>Bombax</i> sp.	Bombacaceae
Murarema		
Murta	<i>Myrcia</i> spp.	Myrtaceae
Murici-da-mata	<i>Byrsonima</i> sp.	Malpighiaceae
Murupita	<i>Sapium</i> sp.	Euphorbiaceae
Mururé	<i>Brosimum acutifolium</i> Huber	Moraceae
Mututi	<i>Pterocarpus amazonicus</i> Huber	Leguminosae
Muuba	<i>Bellutia</i> sp.	Melastomataceae
Paparola	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	Violaceae
Pajurá-da-mata	<i>Parinarium</i> sp.	Rosaceae
Papaterra	<i>Miconia</i> spp.	Melastomataceae
Papo-de-mutum	<i>Touroulia</i> sp.	Quiinaceae
Parapará	<i>Jacajanda copaia</i> (Aubl.) D. Don	Bignoniaceae
Paraputaca	<i>Swartzia</i> sp.	Leguminosae
Paricá	<i>Schizolobium amazonicum</i> (Hub.) Ducke	Leguminosae
Pau-d'arco-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (G. Dom) Nichols.	Bignoniaceae
Pau-d'arco-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standley	Bignoniaceae
Pau-de-bicho		
Pau-branco		Olacaceae
Pau-de-cobra	<i>Ouratea</i> cf. <i>aquatica</i> Endl.	Ochnaceae
Pau-de-colher	<i>Lacmellia aculeata</i> (Ducke) Monach	Moraceae
Pau-jacaré	<i>Laetia procera</i> (Poe PR) Eichl.	Flacourtiaceae
Pau-para-tudo		Simarubaceae

Nome vulgar	Nome científico	Família
Pau-de-remo	<i>Chimarrhis turbinata</i> DC	Rubiaceae
Passarinheira	<i>Erythroxylum kapplerianum</i> Peyr.	Erythroxylaceae
Pente-de-macaco	<i>Apeiba glabra</i> Aubl.	Tiliaceae
Pepino-da-mata	<i>Ambelania acida</i> Aubl.	Apocynaceae
Piquiá	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	Caryocaraceae
Piquiarana	<i>Caryocar glabrum</i> (Aubl.) Pers.	Caryocaraceae
Pitaica	<i>Swarzizia</i> sp.	Leguminosae
Pitomba	<i>Talisia longifolia</i> (Berth.) Radlk.	Sapindaceae
Pororoqueira	<i>Dialium guianense</i> Sandw.	Leguminosae
Pracuuba	<i>Mora paraensis</i> Ducke	Leguminosae
Pracuuba-da-terra-firme	<i>Mora</i> sp.	Leguminosae
Preciosa	<i>Aniba canellila</i> (H.B.K.) Mez.	Lauraceae
Puruí	<i>Duroia sprucei</i> Ruaby	Rubiaceae
Quaruba-cedro	<i>Vochysia</i> sp.	Vochysiaceae
Quarubarana	<i>Erismia uncinatum</i> Warm.	Vochysiaceae
Quinarana	<i>Geissospermum vellosii</i> Allen	Apocynaceae
Rosadinho	<i>Nemaluma</i> sp.	Sapotaceae
Saboneteira	<i>Sapindus</i> sp.	Sapindaceae
Seringueira	<i>Hevea</i> spp.	Euphorbiaceae
Sucupira-amarela	<i>Vatairea</i> sp.	Leguminosae
Sucupira-preta-folha-graúda	<i>Diploptropis</i> sp.	Leguminosae
Sucuuba	<i>Hymatanthus</i> sp.	Apocynaceae
Tamanqueira	<i>Fagara pentandra</i> Aubl.	Rutaceae
Tamaquaré	<i>Caraipa</i> spp.	Guttiferae
Tarumã	<i>Vitex triflora</i> Vohl.	Verbenaceae
Tatajuba	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	Moraceae
Tatapiririca	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Anacardiaceae
Tuari	<i>Couratari</i> sp.	Lecythidaceae
Tuari-cachimbo	<i>Cariniana</i> sp.	Lechytidaceae
Taxi-branco	<i>Sclerolobium guianense</i> Aubl.	Leguminosae
Taxi-preto	<i>Tachigalia</i> sp.	Leguminosae
Taxi-preto-folha-graúda	<i>Tachigalia myrmecophylla</i> Ducke	Leguminosae
Taxi-preto-folha-miúda	<i>Tachigalia</i> sp.	Leguminosae
Taxi-vermelho	<i>Sclerolobium chrysophyllum</i> P. et Endl.	Leguminosae
Tento	<i>Ormosia</i> sp.	Leguminosae
Tento-folha-graúda	<i>Ormosia discolor</i> Spruce et. Benth.	Leguminosae
Tento-folha-miúda	<i>Ormosia flava</i> Ducke Rudd.	Leguminosae
Triquilha	<i>Trichillia</i> sp.	Meliaceae
Uxi-liso	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Ducke	Humiriaceae
Uxi-de-morcçgo		Humiriaceae
Uchirana-cachá	<i>Saccoglottis</i> sp.	Humiriaceae
Ucuuba-folha-peluda	<i>Virola divergens</i> Ducke	Myristicaceae
Ucuuba-da-terra-firme	<i>Virola melinonii</i> (Benth.) A.C. Smith	Myristicaceae
Ucuuba-vermelha	<i>Virola cuspidata</i> (Bth.) Warb.	Myristicaceae
Ucuubarana	<i>Iryanthera</i> sp.	Myristicaceae
Urucu-da-mata	<i>Bixa arborea</i> Hub.	Bixaceae
Urucurana	<i>Sloanea</i> sp.	Elaeocarpaceae